

DIÁRIO PT METAL

NEWSLETTER

ANO : I FEVEREIRO 2026

NEWSLETTER #7



Os Azzaya são uma banda que traz ao panorama da música extrema nacional uma imagem e som distintos, inspirados por várias fontes e cujos concertos têm sempre uma atmosfera festiva, como nos conta o vocalista Gabriel Warmann.

Com o novo EP “Infernal Blasphemia”, lançado no ano passado, e vários concertos pelo país nos últimos anos, tratam-se de uma das bandas emergentes do underground português cujo trabalho constante indica que se encontram numa rota ascendente.

Antes de mais, obrigado pela vossa disponibilidade. Os Azzaya começaram com uma determinada formação que lançou “Thy Satanick Ascension”, mas sofreu uma mudança quase total de formação, tendo o vosso atual vocalista gravado em “I Begin”, em 2023, quase todos os instrumentos. De que forma é que a integração de novos membros nos Azzaya, em 2024, influenciou os lançamentos desde então?

Obrigado nós, Raúl, por nos receberes!

Respondendo à tua pergunta: embora tenha sido eu (Gabriel) a gravar o “I Begin”, já nesse álbum existiam colaborações com o Luís (atual baixista) e o Nazur (atual guitarrista). Sendo o Xico (atual baterista) um dos meus amigos mais próximos, já tínhamos praticamente a formação feita, então a nossa evolução para uma banda capaz de tocar ao vivo foi bastante natural. Embora as composições presentes nos lançamentos que fizemos desde então tenham sido na mesma feitas integralmente por mim, a motivação por detrás desses lançamentos veio 100% do facto de sermos atualmente uma banda completa e de estarmos ativamente a dar concertos. O “Raging Satanic Aggression” foi um EP que fizemos para representar mais fielmente a forma como estamos atualmente a tocar as músicas do

primeiro álbum e também outras provenientes de outros projetos antigos. Já a motivação por detrás do “Infernal Blasphemia”, foi fazer um registo colaborativo para celebrarmos as amizades que temos feito no underground, muitas das quais vêm também de tocarmos ao vivo.

Com a consistência em termos de lançamentos, com “Raging Satanic Aggression”, em 2024, e “Infernal Blasphemia”, em 2025, os Azzaya encontram-se neste momento numa altura de maior inspiração para um novo LP ou pretendem continuar a lançar em formato EP?

Na realidade desde que nos tornámos uma banda “completa”, em 2024, que foi sempre o nosso objetivo lançarmos um novo LP em que todos os membros contribuíssem de forma igual, e temos desde então estado em trabalho contínuo nesse registo. Obviamente criar algo em conjunto é um processo um pouco mais demorado do que criar algo sozinho, mas posso dizer que estamos atualmente a acabar a fase de composição. Vai ser sem dúvida um registo mais experimental, mas todas as músicas vão ser envolvidas no mesmo conceito, que também ajudará à coesão do trabalho em geral assim como à criação de uma narrativa entre as músicas. Será um lançamento



um bocado mais ambicioso não só em relação à música, mas também em relação a todas as iniciativas à volta, então creio que muito provavelmente só estará cá fora em 2027. Se até lá teremos algum “side-quest” tipo “Infernal Blasphemia: Parte 2” ou algo género, só o tempo dirá.

O vosso som parece inspirado pelo black metal com elementos de death e thrash, lembrando-me de bandas como Darkthrone, Celtic Frost e Immortal.

Quais são as vossas influências musicais? Têm outras influências a nível literário, folclore, etc.?

Somos definitivamente inspirados pelas bandas que descreveste, se bem que eu sou mais fã da era Doom dos Darkthrone do que da fase Black Metal, mas diria mais proximamente à fase Death/Black do final dos 90, início dos 2000. Bandas como Marduk, Behemoth e Belphegor, não tanto Black Metal cru, e incorporando também o peso e corpo do Death. Em termos de outras influências, temos muitos, sou um grande fã de filmes de terror e acho que aí as influências são claras, até no videoclipe do “I Begin”, a procissão do início foi uma ideia que fui buscar ao “Holly Mountain”, o nascer e desmembramento da criança ao “Mother!”, o aspeto “natural” dos membros do culto ao “Midsommar” e a chegada do “messias” no final ao “Hereditary”. Em termos de temas, somos também bastante inspirados pelos contos e histórias da nossa terra. Existe um livro

chamado “E se eu gostasse muito de morrer”, do Rui Cardoso Martins, que conta várias histórias passadas em Portalegre que já nos serviu de inspiração em vários temas, inclusive temos uma música chamada “Cabritos de Deus” que foi inspirada num capítulo desse livro em que o autor descreve a procissão de um rebanho de cabritos até ao alto de um monte onde serão degolados e pendurados de um carvalho para serem comidos no almoço de Páscoa.

A imagem dos Azzaya é distinta desde a apresentação em palco ao videoclipe de “I Begin”. Qual é a vossa principal influência a nível estético?

Não diria que temos uma influência principal, também porque a nossa componente estética está sempre em constante evolução. Para além do que já mencionei, tentamos usar o máximo de elementos naturais possíveis, muitos dos nossos elementos de palco são feitos de troncos e ramos encontrados no campo na nossa região. Todos os nossos ossos que também foram encontrados em passeios pelo mato aleatoriamente. Muito do que fazemos a nível estético em palco vem também de tentar adaptar certas ideias às condições logísticas que temos. O facto de que tudo tem de ser montado e desmontado em 10 min e tem de caber num carro com 5 pessoas, também consegue ser bastante limitante. Mas também temos o “sonho” de um dia conseguirmos produzir algo em Portalegre, em que consigamos realizar uma visão artística completa sem esse tipo de limitações.

No ano passado conseguiram vencer o concurso “Faz Tudo Pelo Nada”, que vos garantiu presença na quarta edição do “Nada Fest”. Isto conjugado com os concertos frequentes pelo país, e com o lançamento de “Infernal Blasphemia” no Backstage, no ano passado, demonstra que estão a conseguir chegar a um maior público, como encaram esta evolução?

Tem sido um bocado surpreendente de certa forma. A receção em Portugal do “Thy Satanik Ascension” foi quase inexistente, então quando estava a trabalhar na composição do “I Begin” estava à espera de algo





similar. A nossa ideia nunca foi chegar a um público grande, foi sempre, só e apenas fazer e representar efetivamente a música que gostamos. Também temos plena noção que a música que fazemos não é para a maior parte das pessoas, aliás, isso faz parte do apelo para nós. Então termos tido este crescimento e apoio por parte do público tem sido uma surpresa e

agradecemos bastante todo o pessoal que nos têm apoiado e que nos têm dado oportunidade de apresentar o nosso trabalho.

Os vossos concertos contam quase sempre com a participação especial de outros músicos em determinados temas, como o caso da participação do Nuno Romero dos Legacy of Payne e Critical Hazard no evento “Faz Tudo Pelo Nada”. Este tipo de participação de músicos de outras bandas nas vossas atuações, parece espontânea e adiciona um elemento especial de surpresa. De que forma surgiu esta ideia? Aproveito também para perguntar o mesmo relativamente às participações especiais nos vossos lançamentos, da Doom Banshee em “Raging Satanic Aggression”, e do Ishkur e Nuno Romero em “Infernal Blasphemia”, por exemplo.

A ideia surgiu quando eu fazia parte dos Gods of War, uma banda de covers dos Amon Amarth. Eles faziam muito isso, tanto que eu também cheguei a ser convidado depois de sair do projeto. Foi sem dúvida algo que eu quis “roubar”, e sinto que faz com que os nossos concertos tenham um ambiente mais “festivo”, como se não fossem só concertos de Azzaya mas como que uma celebração da música extrema em geral. Para além disso, também nos dá a oportunidade de colaborar com grandes músicos, como é o caso da Mónica, do Nuno e do Alexandre. Também muitos outros com os quais gostamos imenso de trabalhar, mas que não faria propriamente sentido fazerem parte de Azzaya a tempo inteiro. O “Infernal Blasphemia” foi apenas uma maneira de “imortalizar” essas amizades que fizemos por causa da música.

Entrevista por Raúl Avelar

**A FORÇA METÁLICA DOS AÇORES
NAS TUAS MÃOS E OUVIDOS!!**

**DEMO-TAPE QUE REÚNE TODAS AS MÚSICAS GRAVADAS EM ESTÚDIO,
ENSAIOS E AO VIVO ENTRE 2022 E 2025**



DAMAGE DEVICE “DEMOLITION ‘22-’25” HEAVY/THRASH/SPEED METAL
+ INFO NO FACEBOOK, MESSENGER OU EMAIL: c4mgmt@live.com

Marlon Ruivo - "Styrofoam"

Edição de Autor

Styrofoam é o primeiro lançamento dos Marlon Ruivo, um colectivo de Lisboa cujo som oscila entre o punk rock e o rock tradicional, com alguns experimentalismos ao nível da voz e sempre com uma abordagem directa em termos sonoros. O primeiro tema, abre com guitarras a lembrar Prong e o que se realça logo é a voz de Pedro Augusto, distorcida por diversos efeitos como forma de acentuar as letras que entoa em português. Com efeito, este é o único tema na língua materna neste trabalho com 5 temas. O segundo tema é punk ao estilo dos Ramones ou Misfits, com a letra entoada em inglês, som directo e com a voz mais uma vez a atingir registos diferentes, quase dementes até (no bom sentido). A faixa-título mantém o registo rock do tema anterior ("Violet"), com pormenores interessantes na bateria de Miguel Costa. Na "The Queen is Dead" os efeitos de voz regressam, enquanto que na faixa "NFT", que encerra o registo, a voz natural de Pedro Augusto volta em força num tema punk rock ao estilo dos Green Day. Concluindo, há que sublinhar a importância que os Marlon Ruivo dão às letras, que são um dos pontos centrais da mensagem musical deste lançamento.

Todo o EP está disponível para stream no Youtube em formato de lyric vídeo. A entrega dos Marlon Ruivo a cada tema é intensa e deixa o ouvinte curioso para os ver ao vivo. (R.A.)



Through Void - "Forsaken"

Maledict Records

Quando os Through Void, banda emergente de rápido e justificado crescimento, se apresentam como uma proposta que nos vem devastar os arredores com uma abordagem a death doom, temos todas as referências à mão para criar uma expectativa. O



primeiro que nos ocorre é que vão sujar bastante as mãos ao enterrá-las no lodo onde se resgata a referência Autopsy. E fazem-no, mas não se limitam a isso. A imundície que de lá cavam, despejam-na num balde que já tem o rótulo "Through Void", que identifica devidamente o fétido conteúdo que lá está e que tem, por exemplo, muitos riffs também.

"Forsaken" ainda é só o primeiro capítulo no promissor trajecto dos Through Void, que tem muito espaço para crescer, mas já prometem muito com o seu death metal que traz pútridos aromas familiares, já com uma abordagem interessante. Autopsy, Incantation, essa boa gente toda, sim com certeza, que há disso. Sem dúvida que a lentidão de alguns riffs, e os mais velozes que os cortam, nos atordoam. Mas há mais nuances a detectar numa camada técnica subterrânea com uns riffs menos vulgares a revelar-se. Apesar de tudo, sem abusos. "Forsaken" é um disco que dá bom uso à palavra "simples" e que define bem as ameaçadoras palavras "death metal". (C.M)

Soundscapism Inc. - "A Sea of Floating Mirrors"

Ethereal Sound Works

A estaleca progressiva de Soundscapism Inc. continua intacta em "A Sea of Floating Mirrors", novo disco de Bruno A., experiente músico português, baseado em Berlim. E é um disco que olha para dois possíveis espectros e não se mostra indeciso sobre qual tomar. Vai, muito confortavelmente, aos dois. "A Sea of Floating Mirrors" tanto é do seu mais orientado por guitarra e riff forte, mais metalizado, a remontar mais aos Vertigo Steps, como pode ser do que se serve mais da electrónica e do ambiente.

Deixa entrar algum sol em toda a melancolia e acaba, muitas das vezes, a remontar a algo como Anathema. Nas canções mais pesadas, na mesma melódicas, talvez lembre mais Katatonia. E muitas das vezes em que brinca com a electrónica mais ambiental e atmosférica até faz lembrar outra admitida referência:



BOOBY TRAP
LIMBA

THE RETURN OF THE WILD DOGS
DRAGON'S KISS

DAWN RIDER

WWW.FIRECUM.COM

Devin Townsend, quando se volta mais para essa faceta. "Venomous Hand of a Nightmare", uma espécie de dream pop envolto em metal progressivo moderno, será do mais orelhudo que já terá editado. E abre um muito interessante disco que saberá como administrar a parte acessível com as estruturas mais desafiantes, da mesma forma e com a mesma facilidade com que faz conviver o peso metálico e o ambiente electrónico. Um álbum destemido, mas acolhedor. (C.M)

Culto Macabro - "Santo Ofício"

Edição de Autor

O freguês habitual. Melkor é novamente bem-vindo às nossas páginas, desta vez resgatando um projecto com que já trabalhou há uns poucos anos. Enquanto a "Black Mass Orgy" da Ira Satana ainda ecoa e deixa o ambiente ainda bastante frio, terá ficado a vontade de manter o black metal, no seu estado mais puro e menos apetrechado, para que fosse resgatado o Culto Macabro, com estórias para contar.

A que tipo de criaturas sobrenaturais, mitologia urbana ou outras cenas medonhas e demoníacas que tal é que se vai buscar inspiração para este novo álbum? Não é preciso. Basta a história e a sua brutalidade. "Santo Ofício" retrata o lado mais negro da humanidade, às mãos da Igreja e do fanatismo religioso, às mãos da Inquisição, tratando a sua origem e revisitando alguns dos seus feitos. A narração de "A Origem (da Inquisição)" podia ser bem a introdução para um livrete da história mais negra, retratando personagens misteriosas como "Alonso Manrique de Lara" ou brutais como "Paulus III", visitando o historial de "Bruxaria" e as devastadoras consequências para as "Mulheres de Virtude", neste caso, as Bruxas de Aljezur. Conceito apetecível e que se adequa a música extrema. O black metal, de geladas brisas nórdicas, e furiosos rugidos (quando toma a voz mais narrada, até faz lembrar um Luxúria Canibal mais diabólico ainda) é, realmente, a mais ideal banda sonora para o clima ritualista que aqui é pintado. Com tons tão negros como o ambiente aqui



instalado, como o lado da Humanidade que guarda estes "segredos" na sua história, como os riffs venenosos que aqui rasgam. (C.M)

Belafior - "Autos de Amor & Glória"

Edição de Autor

Por onde andam os fãs de Sunn O)))? Que ainda não saibam da proposta, vinda de Coimbra, para fazer tremer os ouvidos e alguns órgãos internos. Devem prestar atenção aqui a estes "Autos de Amor & Glória", esperando um twist: o seu drone, arrastado e ruidoso que não deixa de ser, sai dessas trevas, procura positivismo e esperança e até consegue uma carinhosa dedicatória a partir daqui. Só por pegar em algo tão tenebroso como o drone e fazer isso, já é digno de registo. Mas, tendo em conta os dois "Autos de Amor" e os dois "Autos de Glória" entre duas "Orações", vemos que até há mais para descobrir nesta barulheira que, ainda por cima, até é acolhedora.



"O Som da Eucaristia Como Eu o Oiço" é o mais exemplar ruído drone, a tomar as referências mais evidentes como exemplo; procura-se e encontra-se a silhueta de uma melodia dócil no meio da névoa de "O Sino de Santa Marta"; "O Acorde de David" impingem-nos paz, mesmo quando a ruidosa camada sonora começa a cair sobre nós; e "E no Final, o Amor" é a coisa mais Earth do "The Bees Made Honey in the Lion's Skull" que aqui se encontra. Uma obra de difícil digestão, mas muito curiosa, um tratamento ao barulho

ETHEREAL SOUND WORKS
independent portuguese label

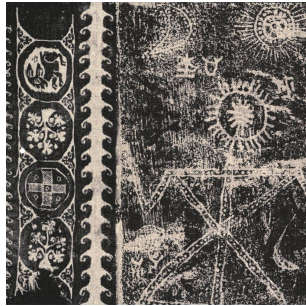
www.etherealsoundworks.com

que já ouvimos muitas bandas a fazer mas talvez nunca tenhamos ouvido neste estado tão... Angelical? Julga o escriba não estar redondamente enganado quando diz que não se lembra de algum disco dos Khanate a sugerir-nos que o amor é a única coisa que nos resta. Sendo assim, então, oremos. Em nome do Pai, do Filho e do Drone! (C.M)

Durvena Cabina - "Contos da Aldeia e da Noite"

Rasga

Se a primeira impressão que tiramos é com uma olhadela ao bandcamp antes de premir o "play", então temos a melhor venda deste misterioso disco. Um perspicaz utilizador descreve estes "Contos da Aldeia e da Noite", afirmando que lhe "lembra a bisavó bipolar que o tentou atirar para uma fogueira quando era bebé." Pronto. Se souberem de melhor forma para vender este álbum, então força, candidatem-se a alguma prestigiosa empresa de marketing e façam-se ricos, que isso é difícil de superar! Também este álbum e tudo acerca de Durvena Cabina é difícil. De descrever e digerir. Quem procura algo de fácil digestão, pode avançar para o disco seguinte aqui da nossa grelha, qual ele seja. Mas o fascínio disto é isso mesmo, a fusão de ruidosos estilos difícil de descrever, a levar-nos para uma noite muito escura num meio rural. O drone mais minimalista de "Mortos no Celeiro" é ilusório, que através de folclore, ambientes psicadélicos e muito ruído se revela uma "Dança das Irmãs Coruja" mais complexa. Depois de uma passagem inicial acústica em "Bruxa de Ébano" a fazer-nos baixar a guarda, chega o que muitos procuravam aqui: uma saraivada gelada de black metal no estado mais cru. Parece tornar-se a base em "As Torres Têm Olhos", sobre a qual se coloca alguma claridade, antes de rebentar com as costuras folclóricas de "Sopros do Cume Negro", até que o fuzz todo se devore a si próprio e se transforme apenas em ruído. "Rosas na Neve" deixa-nos descansar um pouco e a respiração ofegante agora é de medo pelo que se possa esconder no



escuro. Que conste que essa última faixa é a mais curta desta meia dúzia, durando "apenas" dez minutos. O aviso da difícil digestão já foi feito. Um projecto muito interessante, intrigante, tão ruidoso quanto belo e a deixar-nos tão atordoados, que vamos querer ouvir novamente, pelo gosto e para ter a certeza que não foi só alguma coisa bizarra que sonhámos. Durvena Cabina. Nome a ter em conta. (C.M)

Soul of Anubis - "Ritual"

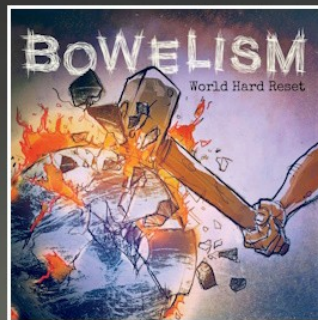
Time to Kill Records

Ao quarto registo, os Soul of Anubis demonstram um amadurecimento impressionante. Até parece que temos discos regulares, para manter sempre o motor quente. Mas estes até nos deixam à espera. E fazem valer. Claro que "Ritual" é um disco ainda mais completo que os antecessores e que ainda expande mais o leque que têm ao dispor: a base até pode ser o sludge, podem ter uma abordagem progressiva às coisas e há sempre um hardcore thrasheiro à espreita. Mas nem por isso consideram que haja aí limites. A lentidão e arrasto que por vezes lhe associamos, especialmente quando também os aproximamos de um escuro pós-metal, são logo dissipados com a abertura da faixa-título e "Mind Crusher" (esta, ainda por cima, com um convidado de luxo como Keijo Niinimaa, dos lendários Rotten Sound) que entram a toda a velocidade.

Já sabemos que estamos perante um disco dinâmico. Mesmo que a linha estilística ainda seja constante. Não é por gostarem de uma abordagem progressiva às coisas que dispensam algo mais simples, directo e básico (e muito eficaz) como "Incarnation" ou que não achem que isto fecha bem é com um riffalhão musculado como o que encerra "Unholy Tomb" que nos convida a mais uma voltinha, mas só depois de já nos ter dado cabo do pescoço. Sente-se a distância para com os antigos registos (há um indício de voz limpa, algo com que experimentaram bastante em "The Monster Among Us", mas mais reduzido e



Maledict Records



maledictrecords.bandcamp.com



comparável a algo dos vizinhos/conterrâneos Redemptus) e a proximidade com "The Last Journey", mas "Ritual" é mesmo o início de mais um capítulo para a banda. Se é que já não é todo um capítulo por si só. Mesmo que o sucessor demore novamente a chegar, este vai fazer-nos eco no miolo por mais tempo ainda. (C.M)

Last Piss Before Death - "Resistance"

Ragingplanet

Por vezes, o título mais simples é o que diz mais. "Resistance" é título que se explica sozinho, se vier da parte de qualquer banda que batalhe para se impor no nosso underground e que consiga singrar. Contra qualquer adversidade que isso já traz por si. Ora, os Last Piss Before Death, muito elogiados no disco de estreia, sabem da poda e sabem o quão resistentes têm que ser para chegar onde chegaram e para disparar este disco com esta pica toda.



Mantêm a fidelidade ao thrash/groove mais modernaço e musculoso, com referências no hardcore e no death melódico, mas suficientemente irrequietos para procurar outros caminhos menos óbvios, quer a nível da atmosfera, de alguns desvios progressivos, de algum abrandamento que não comprometa a ferocidade (temos de tudo isso, por exemplo, em "Echoes", "Bells", ou numa "Driving" que chega disfarçada de balada, só para nos enganar). Por esta altura, já têm um bom diapasão português para seguir (Revolution Within,

Switchtense, Tales for the Unspoken), sem tanta necessidade de se debruçarem na referência sueca, mas ainda tratam tudo com respeito e com cunho próprio. A sua aparente uniformidade ajuda o disco a manter-se coeso e a sua variedade mais subtil, puxa a mais audições atentas e à descoberta de mais alguma coisa. Coisas que se vão fazendo nos espaços de tempo em que não se está a moshar. Um disco maduro e deveras... Resistente! (C.M)

Viledog - "Appetites"

Mosher Records

Uma curta amostra, esta que nos dá a conhecer os Viledog, cuja presença nos palcos portugueses já deu a entender que não vêm para serem mansos, pedir muita licença ou deixar coisas



intactas. Quatro faixas para nos mostrar que são fortes candidatos para dominar o thrash nortenho.

A primeira malha entra com uma linha de baixo que escancara os portões deste EP, onde domina um thrash mais midtempo, à Megadeth. Nas outras 3 faixas, segue-se variedade e muito groove contagiante. Assim é fácil conquistar o povo.

Os Viledog sabem que a esta altura, ainda podem ter as suas referências à vista, desde que mostrem que as tratam bem; e fazem-no. Encontram identidade na fonte clássica, mas também no speed que esteve na génese do thrash, no groove mais moderno que dá outro músculo aos riffs, e noutras formas extremas, como se detecta, por vezes, na voz do Luís Pinto. Pela forma como combinam bem esses sons, vê-se que tem talento acima da média para traçar um bom caminho onde seguidores não faltarão.

Quando acabamos de ouvir estes quatro temas, a vontade natural é de voltar ao início e repetir a audição. Fica também a garantia que vamos querer estar atentos ao próximo palco que a banda planeia demolir e de ficarmos bem informados aquando do lançamento do primeiro longa-duração que, após um maior amadurecimento, deverá ser uma saborosa pêra. (C.M)



Corrosão Caótica - "Ao Vivo no Johnny Guitar 1995"

Rastilho Records

Muita lenda de outros tempos fica na saudade e no desejo de outros que não tiveram a chance de os ver no seu tempo. Poucos conseguiram o veneno que os Corrosão Caótica conseguiram ao metalizarem o seu punk e ao tornar-se possivelmente os pioneiros do crossover por cá. E para além da recordação do diminuto mas gigante material que deixaram, não fica muito para desfrutar hoje em dia. A Rastilho quis celebrar trinta anos desde o concerto no Johnny Guitar, em Junho de 1995, já na sua recta final, editando esse concerto em múltiplos formatos. Que inclui, simbolicamente, o de manual de instruções de como thrashar desta forma.

Não, não é uma gravação polidinha e límpida. E que tremendo pecado seria esse. É tudo apresentado com a devida honestidade, crueza e atitude in-your-face que colocou os Corrosão Caótica no livro de história do underground português e que faz este registo ao vivo soar tão actual como a colérica mensagem que, infelizmente, não envelheceu. Enquanto apreciamos os seus seguidores, e enquanto um santo continua, a cada antecipação de novo lançamento da Larvae Records, a desejar que seja uma reedição de W.C. Noise (e que nós até esperamos que um dia esteja certo), temos estas malhas a soar como deviam ser ouvidas. Para o antigo que queira matar saudades, e para os mais novos que não tiveram a chance de lá estar. Está aqui um pedaço de história para ter na mão. (C.M.)



A experiência começa com um afogamento deliberado em "E se mais mundo houvera...". A atmosfera é um casulo de água e ar denso, onde somos forçados a largar a superfície e a render-nos à descida. É a partir deste batismo sombrio que a verdadeira natureza do álbum se revela. "Stareater" é o primeiro predador que encontramos nas profundezas, uma criatura de riffs modernos e um peso colossal que nos abana a estrutura. É a prova imediata de que esta não será uma viagem passiva; o corpo reage, a cabeça abana, a rendição é total.

Os Gnosis são arquitetos da emoção, e constroem a sua narrativa sobre um pilar de dualidade. O álbum é um diálogo constante entre a sombra e a luz, a fúria e a melancolia. "Noite" é um abraço à escuridão, um hino à beleza que só existe na ausência de luz, selado com a sabedoria imortal de Pessoa. Em contraste, "Demiurge" é a dolorosa constatação de que, muitas vezes, o monstro que tememos habita dentro de nós. A música aqui é um campo de batalha, onde momentos de uma calma quase dolorosa são destruídos por explosões de uma fúria catártica.

O ponto nevrálgico desta exploração é o díptico que dá nome ao álbum. "Within" é o som do colapso interior, uma espiral descendente para o nosso próprio abismo, onde a tensão musical cresce como uma febre até se tornar insuportável. Em contraponto, "Without" é a onda de choque dessa explosão, a forma como o nosso mundo interior estilhaçado se projeta e deforma a realidade à nossa volta. É uma lição de storytelling sonoro, uma demonstração de como a música pode traduzir os conceitos mais complexos da psique humana.

Pelo caminho, ainda somos assombrados pela simplicidade aterradora do nosso Folclore. "Ponte", uma cantiga de embalar para fantasmas, e somos arrastados pela tempestade final de "Ode To The Void". Feito com as próprias mãos e o coração na boca, "Within/Without" é mais do que uma estreia. É um manifesto. É a prova de que, por vezes, é preciso naufragar para dentro para nos encontrarmos. Os Gnosis não chegaram. Eles emergiram das profundezas, e o som que trouxeram consigo é essencial. (A.R)

Gnosis - "Within/Without" Edição de Autor

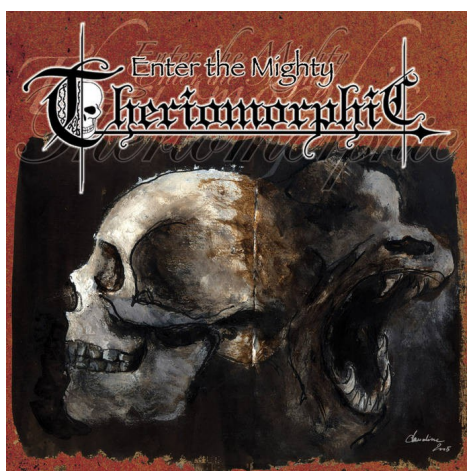
Há estreias que cumprem as regras. E há estreias que as rebentam. "Within/Without", o primeiro testamento dos portugueses Gnosis, pertence à rara estirpe de obras que nascem já com a alma antiga e a força de um titã. Este não é um álbum que se limita a apresentar uma banda; é um álbum que nos apresenta a nós mesmos, refletidos num espelho de som negro, pesado e de uma beleza devastadora.



HONORIS CAUSA

Theriomorphic DEATH METAL

“Enter The Mighty Theriomorphic”



E de repente, vinte anos... Não tendo uma cadência entre lançamentos regular - não que seja necessária - facto é que os Theriomorphic continuam a ser um dos nomes mais sonantes e ainda ativos no meio português em geral, na ala do *death metal* mais concretamente, e com razão.

De uma fase inicial (sem registos) sob o nome Necroterium, passando pela primeira e única, em termos oficiais, *demo* cassete «The Human Masquerade» [Ed. Autor, 2000], seguiu-se um período de cinco anos sem mais registos de qualquer natureza, nem um simples EP que fosse. Desta feita, em 2005 o coletivo lança-se direto para o debutante, quase homónimo, «Enter The Mighty Theriomorphic» [Exorcize Music]. Eventualmente, o período entre lançamentos ter-se-á revelado crucial para limpar todas as arestas possíveis de existir no que à sonoridade e composição dizia respeito.

Achismos à parte, fosse qual fosse o motivo, e ainda que já na altura não se tratasse da reinvenção da roda, passados 20, 10, 5 anos, o álbum de estreia dos lisboetas continua a soar tão fresco como se da primeira audição se tratasse. Com uma produção muito própria, talvez um pouco alta demais na nossa opinião, sete temas, meia hora de música, uma amálgama de elementos do metal da morte que se vê um pouco representado nas suas várias facetas, até mesmo a mais melódica. A escola sueca será talvez a influência mais notória. Um caso em que o nome - este derivado do termo “teriomorfismo” - condiz com o que é apresentado ao público de forma tão ingênua quanto espontânea.



D.F. 03/2026



Para manter a chama do heavy/speed bem acesa, os **Toxikull** já preparam um novo disco para o dia 24 de Abril, através da internacional Dying Victims. "Turbulence" é o título da promissora novidade, da qual já tivemos direito a conhecer capa, alinhamento e um poderosíssimo single, "Midnight Fire", a deixar já água na boca.

CHAOSADDICTION

Depois de tão bem terem construído o hype à sua volta por este underground fora, os **Chaosaddiction** já têm uma prenda para nós, marcada para 28 de Março: o disco de estreia "Kintsugi". Estará a cargo da Mosher Records e já nos brindaram com "Sinto Muito", o primeiro single.

GAEREA

É as tours internacionais, é o novo single "Nomad" a amontoar visualizações pelo mundo inteiro e uma gigante Century Media já com um "Loss" pronto a lançar no dia 20 de Março, e os **Gaerea** já quase nem parecem nossos. Mas são e eles reforçam-no com um muito literal regresso a casa, ao anunciarem uma residência artística no Museu de Lamas, em Santa



Maria de Lamas, a preparar os futuros espetáculos e a culminar numa muito especial "Listening Session" privada, de lotação limitada e cariz bastante intimista, no dia 14 de Março, para sortudos que ficarão a conhecer "Loss" uma semana antes do seu oficial lançamento.



Após um breve silêncio, os **Gallows Rites** decidem continuar a sua missão ritualista com novidades que incluem um novo alinhamento. Os amigos podem chamar Unholy Assaulter ao novo guitarrista e Wanderson Rock 'n' Roll ao novo baixista. Como apresentação deste renovado culto, já existe "Infernal Warriors Ride", novo single para ouvir, com a promessa de que um antecipado longa-duração de estreia pode estar para breve. Vamos orando e aguardando pelas novidades.



Continua a contagem para o novo disco dos **Morbid Death**, e o mês de Março já aí está. Para apaziguar a impaciência na espera, já temos mais um novo single, "World of Lies", para desfrutar e continuar a antecipação.

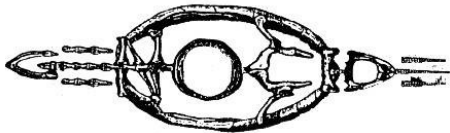


Lord Of Confusion

Uma importante reedição tinha que ser apenas um pontapé-de-saída para os **Lord of Confusion** na Larvae Records. Já está confirmado e anunciado o novo disco, a sair com o selo da prestigiosa editora, intitulado "The Weight of Life" e com lançamento marcado para o dia 20 de Março. Até lá já temos música nova para ouvir, com o espantoso single "Afflatus".



Os **Sadistik Warfare** já deram bem cabo do nosso underground com o seu thrash à moda antiga, então chega bem a tempo o primeiro-longa duração, pelas mãos da Selvajaria Records. "Raised in Violence" é o nome do álbum que chegará às nossas e às vossas mãos no dia 20 de Março. A faixa que dá nome ao disco já pode ser ouvida.



Os **Genocide** são históricos na música extrema portuguesa e as reedições dos seus álbuns clássicos já terão feito as delícias de quem não teve a chance de os apanhar na altura e para novos fãs que "não chegaram a tempo". Há agora mais uma oportunidade de ter um pedaço de história na mão com a edição do concerto que deram no Hard Club no dia 5 de Outubro de 2024. Esta edição de luxo pode contar com vários formatos, desde o áudio em CD ou vinil duplo, ao visual com DVD e Blu-ray. As pré-encomendas já estão abertas e aconselha-se a procurar mais informações nas redes sociais da banda e da Nightfear Productions, antes que essa relíquia desapareça!

BLACK FLARE

Os **Black Flare** acabam de lançar o seu segundo álbum, intitulado "Scorched" no dia 18 de Fevereiro com o selo Anti Corpos Records. Esta banda de heavy metal, que conta com membros

dos Simbiose e Toxikull, apresentaram o novo álbum ao vivo dias depois, na ADF, em Lisboa, onde também subiram ao palco, as bandas Alien Squad e os Redemptus.

Relembramos que este é o sucessor do álbum estreia "Black Fare" lançado em 2021.

Estes trabalhos estão disponíveis em todas as plataformas de streaming e podem ser adquiridos na label.

Heavenwood

Um dos maiores nomes, se não o maior, do gótico nacional, **Heavenwood**, acabam de assinar contrato com a dinamarquesa Mighty Music para o lançamento de seu próximo álbum. A banda adianta ter o lançamento do novo álbum "The Tarot Of The Bohemians - Part II", previsto para o verão. O novo álbum foi mixado e masterizado por Niko HK Krauss (The Old Dead Tree, Sirenia, Mercyless), reforçando ainda mais a ambição sonora e o alcance internacional deste novo capítulo na longa e influente carreira da banda.

Formados em 1992, os **Heavenwood** são amplamente considerados como um dos nomes mais importantes e pioneiros do metal gótico e sombrio português. Com uma sólida reputação internacional construída ao longo de mais de três décadas, a banda lançou diversos álbuns aclamados pela crítica, apresentou-se em grandes festivais como o Wacken Open Air e dividiu o palco com nomes importantes da cena metal mundial, estabelecendo um legado duradouro definido por atmosfera, melancolia e profundidade artística.

- Sorteio Metal Tuga -

Responde a duas perguntas e entra no sorteio em que serão oferecidos pelos



1. Onde será o próximo concerto da banda?
2. Em que minuto do vídeo, o vocalista faz o gesto 🙌 à frente do corpo da guitarra?

Ver no youtube: www.youtube.com/@BandVILEDOG — Vídeo: Appetites

As respostas devem ser enviadas para o e-mail ou messenger do FB desta newsletter. O sorteio será feito no FB desta newsletter, num directo, a 30 de março, às 20h (PT Cont.).



TORIKULL
[HEAVY DUTY FEST 2025]

@Sonia Ferreira
Quiet Magic



MOONSHADE
[MILAGRE METALEIRO OPEN AIR 2025]

@Sonia Ferreira
Quiet Magic



WANDEREA
[HEAVY DUTY FEST 2025]

@Sonia Ferreira
Quiet Magic



LADON HEADS
[HEAVY DUTY FEST 2025]

@Sonia Ferreira
Quiet Magic

Diário PT Metal

a/c Christopher Monteiro
Email: diarioptmetal@gmail.com
Facebook/DiarioPtMetal

Periodicidade: Mensal

Equipa de Redação: Christopher Monteiro; Sérgio Borba; André Rosado; Raúl Avelar
Mário Lino Faria; Duarte Fernandes; Sónia Ferreira